

PUZZLE DO DIABO
AMOR, SEXO & ESPIONAGEM

Leilac Leamas

© 2024 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
PUZZLE DO DIABO: AMOR, SEXO & ESPIONAGEM

Publicado nos EUA
Primeira impressão 2024 (25.^a Edição)
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei dos direitos de autor.



A todas as mulheres que amei...

Prólogo

O meu nome é Leilac Leamas, embora aqueles que verdadeiramente me conheciam compreendessem que até essa identidade era apenas uma máscara, uma fachada atrás da qual se escondia uma figura mais complexa. Por profissão, era consultor de empresas, a operar nas interseções onde o comércio, a política e a influência coalesciam. Mas por baixo da superfície dessa designação profissional aparentemente inofensiva, era um operativo. A minha moeda era a informação clandestina que podia tanto construir impérios como derrubá-los.

À medida que me acomodava na extensa opulência do assento do avião, a cabine envolveu-me num silêncio abafado. Apenas o rugido suave dos motores e os distantes e furtivos murmúrios de outros passageiros rompiam o silêncio. Ali, dentro do espaço confinado da cabine, noventa preciosos minutos de contemplação estavam à minha frente—um breve alívio para desembaraçar a complexa teia da minha próxima missão.

Aquela não era uma empreitada comum, nem uma luta pedestre de subterfúgio corporativo ou manobras políticas internacionais. Em vez disso, prometia um mergulho nas entranhas do crime organizado, sob a bandeira da Sacra Corona Unita. A história deste sindicato era um mosaico sombrio de juramentos familiares e legado criminal, estendendo-se pelos anais do tempo.

Em missões anteriores colocaram-me frente a frente com intermediários de poder e criadores de reis, homens e mulheres cujas maquinacões poderiam derrubar governos. Mas aquela viagem era uma espécie diferente de monstro. Eu iria pisar num reino onde a legalidade não tinha lugar—uma esfera dominada por fações criminosas como a Camorra e a ‘Ndrangheta, cujo domínio era vasto e ameaçador. A minha tarefa? Obter documentos tão incendiários que poderiam estilhaçar o sistema judicial, abalando os próprios

pilares sobre os quais a lei assentava. Arriscado? Inquestionavelmente. No entanto, baseado na minha experiência, era um expediente vital para descobrir monstruosidades maiores.

Para tornar as águas ainda mais turvas estava o Nemesis—uma força enigmática e sombria. Uma presença fantasma sentida principalmente através de desaparecimentos abruptos, fruto das suas maquinações que pareciam particularmente focadas em tomar o controle das telecomunicações em Portugal e no Brasil.

Mas esses eram apenas alguns dos formidáveis e temidos adversários que iria enfrentar numa missão de vários anos—sendo talvez o amor, com as suas muitas *nuances*, curvas, contracurvas, altos e baixos, o mais temerário e inesperado dos adversários.

A minha equipa foi fundamental para encontrar aqueles arquivos voláteis. Operávamos nas zonas crepusculares da ambiguidade legal, oferecendo a nossa perícia ao melhor proponente—não apenas em termos de riqueza, mas em compromissos com uma moralidade mais elevada. Embora as nossas táticas frequentemente dançassem à beira da ética, víamo-nos como o fiel da balança num mundo repleto de desequilíbrios sistémicos.

À medida que o avião começava a sua descida, uma inquietação roedora infiltrou-se na minha consciência. Aquela missão perfilava-se como uma força transformadora, capaz de alterar não apenas a minha carreira, mas também o meu cenário emocional. Ali, naquele cruzamento crítico, o amor podia evoluir de uma distração passageira para um elemento vital num *puzzle* diabolicamente complexo—um teste não apenas das minhas habilidades, mas das frágeis fibras humanas que me constituam.

Portanto, prepare-se para uma viagem tumultuada numa esfera onde impérios criminosos e fragilidades humanas colidem; onde a lealdade é uma moeda de duas faces e cada movimento repercute-se numa rede emaranhada de laços e duplicidades. Em jogo estava mais do que o trabalho da minha vida—era a essência de quem sou e, talvez, de quem você se poderá tornar.

Aperte o cinto. Descemos para um turbilhão de caos—um peça do *puzzle* do Diabo, à espera de ser encaixada no coração.

§1

Seleção Natural

Lisboa, Portugal

Ele era o mestre das marionetes, puxava os cordões nas sombras à espera do próximo movimento. A sua rede, uma teia de fraude e corrupção, enredava as figuras mais poderosas nas esferas financeira e política da União Europeia. Levou-nos anos de táticas astutas e tortuosas, mas finalmente tínhamos quebrado a sua fachada aparentemente impenetrável, revelando as rachaduras na sua armadura.

Cada tremor, cada fraqueza foi explorada e as portas antes fechadas agora estavam destrancadas. Ainda assim, ele permanecia esquivo, escondendo-se atrás de camadas de proteção, preferindo enviar os seus poderosos advogados para fazer o trabalho sujo. Mas desta vez, ele emergiu das sombras, expondo-se à luz sozinho.

Como a deusa da vingança, operamos nas margens da sociedade, permanecendo anónimos e comunicando apenas por meio de canais seguros. Divertimo-nos com o caos que criamos, ao espalhar rumores sobre as suas peculiaridades e idiossincrasias pessoais, levando-o ainda mais à beira de um ataque de nervos.

O nosso plano era continuar a destruir o seu ego até que ele não tivesse escolha a não ser encontrar-se conosco. E quando chegou a hora, demos início à reunião. Fui escolhido como o rosto da nossa equipa, a minha ousadia e destemor faziam de mim a pessoa perfeita para o trabalho.

Ao estacionar o meu carro perto do tribunal, não pude deixar de sentir que aquele era um jogo de tudo ou nada, onde o vencedor ganha tudo. Caminhei em direção ao hotel Ritz, observando a arquitetura icônica da cidade e o brilho do sol que refletia na calçada. De repente, um Mercedes-Maybach S600 Pullman preto

parou e ele saiu, abotoando o casaco. Não pude deixar de notar a gravata *rouge* Hermès que ele usava, o sinal que tínhamos combinado.

Enquanto ele dava uma gorjeta ao porteiro, prendi a respiração, à espera do momento de atacar. Então, ele acenou com a cabeça em direção a uma carrinha estacionada nas proximidades, com as janelas escuras. Eu sabia que a armadilha estava montada. A tensão era palpável enquanto continuávamos a nos ignorar, ambos cientes de que o destino dos nossos respectivos mundos estava em jogo.

Com uma sensação tensa a subir pela minha espinha, entrei no opulento hotel de cinco estrelas, aquecendo-me sob o brilho quente da iluminação dourada que banhava a luxuosa decoração. Apesar do ambiente luxuoso, não conseguia livrar-me da sensação de estar a ser seguido, uma sensação persistente que me fazia olhar por cima do ombro a cada curva. Os meus sentidos foram imediatamente aguçados pela conversa incomum de um inesperado trio de corretores de bolsa. À primeira vista, pareciam inócuos, mas os meus olhos treinados reconheceram-nos pelo que realmente eram— mais uma equipa de vigilância, provavelmente polícias disfarçados a vigiar a nossa reunião.

Depois do que pareceu uma eternidade, finalmente fiquei cara a cara com o homem que eu tinha estudado meticulosamente durante dois longos anos. Ele sentou-se diante de mim, uma fortaleza impenetrável de confiança e postura, enquanto o estudava atentamente. Apesar do amplo conhecimento que tinha de todos os seus movimentos, todo o cuidado era pouco, como se ele fosse um completo estranho de quem tudo tinha de saber para me proteger. Tudo fazia parte do jogo perigoso que jogava, um aspeto essencial do tipo de trabalho que fazia.

Enquanto conversávamos e negociávamos, o ar engrossava com *suspense* e tensão, a cada momento eram revelados detalhes mais complexos do seu envolvimento nos golpes nefastos que investigávamos. Os segredos que ele divulgou eram como a caixa de Pandora, que desencadeava uma reação em cadeia de revelações explosivas sobre os envolvidos e as atividades ilegais que tinham cometido.

Mas eu sabia que este era apenas o começo de uma jornada traiçoeira, repleta de perigos a cada curva. O homem diante de mim era um mestre da manipulação e eu podia sentir os seus olhos calculistas a observarem cada movimento meu. Eu sabia que daquele momento em diante, seria implacavelmente perseguido e cada passo meu seria sombreado, tudo na esperança de nos derrubar enquanto trabalhávamos incansavelmente para trazê-lo à justiça. Durante todo o tempo naquele luxuoso hotel, tudo ao nosso redor parecia aumentar a sensação de perigo, uma presença insidiosa que espreitava nas sombras, pronta para atacar a qualquer momento.

A cada passo em frente na minha perigosa missão, era movido por um desejo insaciável de amor. As palavras do poeta português Fernando Pessoa, cujas obras literárias são permeadas por uma paixão inflexível pelo amor, ecoavam na minha mente. A sua crença de que “apenas as criaturas que nunca escreveram cartas de amor são ridículas” é um lembração do profundo poder do amor.

Mas enquanto ponderava as suas palavras, não podia deixar de questionar o meu próprio lugar neste grande esquema de amor. Era eu que me entregava a amores fugazes e ridículos, ou era eu que ainda não tinha experimentado amor suficiente para criar uma história de amor digna de ser contada?

O peso dos meus pensamentos caía sobre mim, como uma lembrança constante dos perigos que acompanhavam a minha linha de trabalho. Cada missão era um passo adiante no desconhecido, uma jornada perigosa repleta de perigos a cada passo. Ainda que no meio do caos e da incerteza, o desejo do amor persistisse.

Estava preso nas garras de um tumultuado conflito interior, dividido entre a paixão ardente que me movia e o medo que ameaçava consumir-me. Será que algum dia poderei reivindicar o tipo de amor que Fernando Pessoa tão eloquentemente exalta na sua poesia? Ou estava condenado a uma eternidade de buscas infrutíferas, agarrando-me sempre a um amor que permanecesse tentadoramente fora do meu alcance? A resposta para esse enigma escapava-me. Era um mistério a aguardar ser desvendado nas reviravoltas imprevisíveis da minha vida como um assassino.

“O amor, quando se revela, não sabe revelar...” Essas palavras profundas de Pessoa reverberaram dentro de mim. O seu significado mais profundo despertava uma sensação de desejo e desconforto. Pois enquanto os poetas podiam ser líricos sobre o amor e todos os seus mistérios, eu não era um poeta, mas um assassino, que procurava resolver o *puzzle* do Diabo. Um assassino pode realmente conhecer o amor? A minha vida era uma história de amor ou apenas um momento fugaz de paixão? Ou não era nenhum dos dois, mas algo totalmente diferente?

A natureza ilusória do amor, com o seu potencial de nos fazer parecer ridículos, perseguiu-me o tempo todo. Amando ou não, corria o risco de ser visto como um tolo. O amor pode ser a base de um romance para toda a vida, mas também pode ser nada mais do que uma série de encontros sexuais fugazes. É uma ladeira escorregadia, um jogo perigoso sem garantias. Mas, apesar dos riscos, não podia deixar de me questionar se o amor estava realmente ao meu alcance ou se permaneceria para sempre fora da minha vida.

O meu coração batia forte no peito, traíndo os meus segredos mais íntimos. O amor, para mim, sempre fora um encontro físico fugaz e as profundezas do verdadeiro afeto permaneciam um mistério. Como assassino, tinha aprendido da maneira mais difícil a manter a minha vida amorosa envolta em segredo; qualquer apego profundo poderia colocar em risco o meu trabalho e a mulher envolvida.

Enquanto ia buscar uma velha amiga ao hotel onde ela trabalhava, para almoçarmos no Darwin, um fantástico restaurante, senti-me no limite. Conhecia-a há duas décadas e a sua presença em Lisboa, embora passageira, era uma distração bem-vinda aos perigos da minha profissão.

Mas, quando cheguei à porta do hotel, fiquei paralisado. A Bárbara já estava à minha espera: uma visão de beleza num vestido vermelho justo e que destacava cada curva do seu corpo. O decote redondo sugeria profundezas ocultas, um fascínio perigoso que ameaça desvendar o meu mundo cuidadosamente construído. Ela era uma executiva discreta, uma mãe dedicada e uma mulher divorciada feliz.

Enquanto partimos rumo ao nosso destino, fui consumido por uma sensação de perigo iminente. Aquele almoço seria um simples reencontro de velhos amigos ou acenderia uma faísca que ameaçava consumir tudo no seu caminho, incluindo o meu mundo cuidadosamente guardado? Conversamos como velhos amigos, mas sob a superfície, desejos não expressos e perigos ocultos espreitavam a ameaçar separar-nos. Só o tempo revelaria as verdadeiras intenções deste fatídico encontro.

Enquanto estávamos sentados no terraço do Darwin, a beber uma sangria de espumante e apreciar a vista deslumbrante do rio, a minha mente estava num turbilhão de pensamentos. Não pude deixar de sentir que algo estava para acontecer, algo que poderia mudar tudo.

A nossa conversa começou inocente, a falar sobre relacionamentos e as suas complexidades. Mas então, a minha amiga Bárbara falou algumas palavras com uma sugestão de algo mais provocativo.

“Sabes, pessoas como nós nunca ficam sozinhas? Há sempre alguém disponível para nós,” disse ela, com os olhos fixos nos meus, demonstrando um olhar conhecedor.

Fiquei surpreso com a sugestão, mas também intrigado. Quem éramos “nós,” exatamente? E o que ela quis dizer com “pessoas como nós”? À medida que a conversa continuava, eu sentia-me cada vez mais atraído pelas suas palavras e pela ideia de um “nós” que poderia existir nalgum mundo escuro e sombrio.

A minha mente deveria estar focada nos detalhes importantes da missão—as assinaturas, os termos de confidencialidade e tudo mais que precisava ser resolvido antes que pudéssemos prosseguir. Mas tudo isso parecia se desvanecer diante do ambiente agradável, da boa comida e da sedutora companhia daquela bela mulher.

À medida que a conversa se tornava mais íntima, não pude deixar de sentir que algo estava para acontecer. Havia uma tensão no ar, uma sensação de euforia que crepitava suavemente entre nós. Quando terminado o almoço, não pude deixar de me questionar sobre o que o futuro reservava—para “nós,” para a missão e para o jogo perigoso que estávamos prestes a jogar.

Sáímos do restaurante e voltamos para o hotel. A conversa no carro tomou um rumo abafado enquanto a Bárbara me regalava com

detalhes do seu corpo, incluindo os seus seios aprimorados cirurgicamente. A vontade de registrar esse momento no tempo era grande, então parei o carro na Avenida da Liberdade e peguei no telemóvel dela.

Ao tirar a foto, não pude deixar de me maravilhar com a sensualidade da cena diante de mim. Os vidros escuros lançavam um brilho sedutor sobre o interior do carro, onde o vestido justo da Bárbara agora estava desabotoado, revelando a clavícula requintada e as mamas perfeitas. As curvas do seu corpo eram uma obra de arte e não pude deixar de me sentir grato pela amizade que me permitiu testemunhar tamanha beleza. A imagem capturada era nada menos que sensualmente exótica, uma lembrança que ficaria para sempre gravada na minha mente, mais do que no telemóvel dela.

Com uma súbita onda de paixão, estendi a mão e agarrei as suas mamas, saboreando a sua maciez e plenitude. Os nossos lábios encontraram-se para um beijo ardente, intenso e delicado ao mesmo tempo, causando-me arrepios espinha acima. O meu corpo foi imediatamente incendiado pelo desejo e eu podia sentir as chamas da paixão a queimarem-me por dentro.

Acelerei Avenida da Liberdade acima e o mundo ao meu redor ficou um borrão enquanto me concentrava apenas na mulher ao meu lado e no desejo desenfreado que nos consumia. O meu coração batia forte no peito e o meu corpo vibrava com o fervor da luxúria. As chamas da paixão surgiram dentro de mim, ficando mais fortes a cada momento que passava, até que tudo ao meu redor foi consumido pelo inferno do desejo.

Deixei a Bárbara na entrada do hotel, garantindo que a sua fachada pública permanecesse imaculada, pois a sua posição exigia nada menos do que isso. Quanto a mim, os meus desejos eram muito menos nobres e a discrição era a minha única armadura. Com facilidade abri caminho pelas voltas e reviravoltas labirínticas do estacionamento subterrâneo do hotel—os meus movimentos calculados para despistar qualquer companhia indesejada. Mas nesta dança sombria, eu não era estranho a parceiros desagradáveis.

Uma vez dentro do quarto, não perdi tempo para tirar o meu casaco cinzento escuro e a camisa branca. O vestido vermelho da Bárbara foi o próximo a sair. Os botões facilmente desabotoados

deixaram-na nua diante de mim, para deleitei dos meus olhos. Enquanto os nossos lábios se fechavam num abraço ardente, a sua respiração exalava um calor inebriante, enchendo os meus sentidos com o seu perfume envolvente. A sua independência era um afrodisíaco e um reflexo de toda a sua beleza e encanto.

Ela empurrou-me, ansiosa por mais. Eu obedeci tirando as minhas calças e ajoelhando-me perante ela. As suas pernas caíram sobre os meus ombros e eu comecei a trabalhar com a minha língua, saboreando cada centímetro da sua carne. O seu clitóris era uma maravilha, inchado e vermelho de excitação, o tamanho e o formato eram perfeitos para minha língua habilidosa. Eu adorava o seu corpo, saboreando o sabor dos seus líquidos e a sensação dos seus seios firmes nas minhas mãos.

Com a sua chama interior acesa, eu virei-a, ansioso para continuar as minhas explorações. A minha língua percorreu o seu monte de Vénus, invocando antigos prazeres gregos que apenas alguns, poucos, entenderiam. Os seus gemidos ficaram mais altos, os seus quadris dançavam de prazer enquanto os meus dedos se juntavam na dança, mergulhando no seu convidativo casulo rosa.

Os meus pensamentos eram um frenesim de desejo, um desejo desesperado de tê-la de todas as maneiras possíveis. Mas, por enquanto, contentei-me com o doce sabor do seu néctar e os suaves gemidos do seu prazer.

Quando ela estendeu a mão e agarrou o meu cabelo, depois que o meu terceiro dedo se juntou aos outros para lustrá-la suavemente por dentro, eu compreendi o seu desejo. Retirei os meus dedos, deslizei o meu corpo ao longo das suas costas e pressionei o meu pau duro e escorregadio contra os lábios húmidos e quentes da sua cona. Os meus dedos acariciaram e massajaram o ânus da Bárbara, já humedecido pela passagem da minha língua. Um dedo firme mergulhou então no seu cú, enquanto o meu ansioso pau cutucava aquela outra acolhedora união carnal.

Com a outra mão a agarrar o seu quadril, cedi ao instinto e fodi-a ao estilo dos caninos, no ritmo do Bolero de Maurice Ravel: primeiro num movimento muito lento, depois num *adagio*, com o tempo a aumentar progressivamente até chegar a um *allegro* mais vivaz.

Enquanto os meus dedos deslizavam pela sua pele acetinada, o seu corpo tremia de desejo. Puxei-lhe o cabelo, o que fez com que a sua coluna arqueasse, permitindo-me entrar mais fundo dentro dela. Ela estendeu os braços para trás, agarrando e apertando as minhas nádegas, fazendo-me levantar e levantando-se da cama. Com as suas pernas entrelaçadas contra as minhas, fui compelido a ficar de pé e a enfiar o meu pau mais fundo dentro dela.

Enquanto continuávamos no nosso ritmo frenético, as suas mãos guiavam as minhas nádegas em direção à varanda, acompanhando o ritmo de cada passo que dávamos. De repente, ela estendeu a mão e abriu as pesadas cortinas, pressionando o seu corpo contra a porta fechada. As suas mamas rangeram no vidro transparente, acentuando os impulsos intensos e poderosos do meu bombeamento.

Sem nenhum prédio alto para bloquear a visão, estávamos abertos e expostos e qualquer um poderia ver-nos se estivesse a olhar na direção certa. A veia exibicionista da Bárbara arriscou a sua reputação profissional dentro da indústria hoteleira, mas só serviu para inflamar a adrenalina que corria nas nossas veias, levando-nos de forma imprudente a vários clímax devastadores.

Foi uma foda maravilhosa e de tirar o fôlego, cheia de intensidade e desejo animalesco.

A Bárbara precisava de se preparar para o jantar e eu observei-a com um atenção extasiada: deliciando-me com a visão dela enquanto se espreguiçava sensualmente no sofá ao mesmo tempo que fumava um cigarro. A sua *lingerie* era uma obra-prima, agarrando-se às curvas do seu corpo como uma segunda pele. Não pude evitar—tirei outra foto e guardei no meu telemóvel, incapaz de resistir ao fascínio dessa deusa diante de mim.

Com quase quarenta anos, ela estava numa forma física invejável e as nossas aventuras anteriores provaram que ela era uma foda magnífica. Mas quando ela apagou o cigarro e começou a vestir-se, o seu rosto transformou-se num semblante duro e profissional que eu conhecia tão bem.

Com alguns traços habilidosos do *eyeliner* e um tom audacioso de vermelho nos lábios, ela transformou-se numa versão ainda mais

deslumbrante de si mesma, como se estivesse a preparar-se para um momento de fascinante sedução. Mas mesmo nesse momento, sob a superfície do seu encanto, ela era resoluta e determinada. Eu não pude deixar de admirá-la quando ela, olhando-se no espelho por uma última vez, deu-me ordem de marcha.

“Fica o tempo que quiseres,” disse a Bárbara, com a sua voz fria e controlada. “Toma um banho. Quando saíres, fecha a porta e tem cuidado para não seres visto pelo pessoal do hotel.”

Observei-a a partir para o jantar com admiração, grato pelo privilégio de conhecer uma mulher tão poderosa e inspiradora.

Sozinho no quarto, aproveitei para conversar com a Tocsin, a minha conselheira de confiança. Enquanto ela me atualizava sobre o *status* da nossa missão, liguei uma aplicação de telemóvel especialmente projetada para nós, que eliminava qualquer vestígio de *hacking* ou códigos de clonagem.

Previmos que o Nemesis estaria a assistir a tudo e ele não nos dececionou. Três carros rastrearam os meus movimentos, mas consegui evitá-los. Um deles ficou no restaurante, à procura de qualquer evidência que eu pudesse ter deixado para trás. Os outros dois seguiram-me até o hotel, mas perderam o *show* que montamos para o deleite da Bárbara.

Ao pensar nos eventos do dia, não pude deixar de sentir uma sensação de triunfo. Mais uma vez, tínhamos sido mais espertos que o Nemesis e eu tinha experimentado o prazer da companhia da Bárbara. Que mulher, que atitude, como ela é decidida. Sou grato por tê-la como amiga e mal posso esperar para ver as aventuras que teremos no futuro.

§2

Estórias Curtas

Milão, Itália

Nas históricas vielas de Milão, onde as pedras da calçada foram cúmplices de inúmeras estórias, o tecido do tempo era costurado não com o monótono tique-taque de um relógio, mas com as confidências inimagináveis e a volátil moeda da traição. Uma vez marcado para conversar com a Cristiana, uma mestra da finança na complexa ópera de orquestrações económicas de Itália, descobri que o palco do nosso encontro tinha sido deslocado do escrutínio flagrante da luz do dia para os tons silenciados do crepúsculo. Parecia destino, ou algum manipulador invisível por trás da trama onde a vida se desenrolava, o jantar ter sido marcado no Deus—uma nomenclatura divina para um local onde os assuntos dos mortais seriam negociados.

A minha consciência permanecia enredada na farsa de Lisboa, do dia anterior. Uma *soirée* onde o Nemesis, aquele grandiloquente mago da prestidigitação corporativa, encheu a atmosfera com uma aura perturbadora que ainda me envolvia com o aroma residual de um elixir potente. Ele era um homem encantado pela sua própria indestrutibilidade—uma noção que achei tão deliciosa quanto observar um jogador inexperiente a lançar os dados, alheio à iminente vantagem da casa.

Nemesis: o homem que se via como um ícone reencarnado de Wall Street, blindando-se com fatos feitos à medida, como se costurados pelas próprias Moiras, aquelas três irmãs da mitologia grega que governavam os destinos dos deuses e dos mortais. Este era um homem que sobreviveu a um acidente rodoviário quase fatal e que, desde então, optou pela fortaleza de grandes carros à prova de bala. Embora fosse difícil conceber uma ligação entre esta

persona que se julgava maior do que a vida e a remarcação do meu encontro com a Cristiana, não podia afastar essa possibilidade—o tabuleiro do xadrez coporativo, da influência e da intriga, raramente nos permite ver mais do que uma jogada à frente.

Apenas dois dias antes, um *flirt* digital com a Cristiana tinha oscilado para longe dos balanços e relatórios trimestrais e penetrado no território cintilante e volátil do desejo humano em bruto. A troca eletrônica foi um intenso duelo de insinuações e alusões subtis que consumiram horas—um hipnotizante baile de máscaras Veneziano tão inebriante como um vinho fino e antigo. Surpreendentemente, o foco da nossa contenda tinha sido a seleção de saltos agulha—aqueles humildes, mas potentes arquétipos de sedução—que iriam enfeitar os seus pés enquanto nos submetíamos aos nossos impulsos mais animalescos.

Eu tinha defendido a refinada arte italiana de Giuseppe Zanotti—uma homenagem doméstica a um caso ambientado no pano de fundo da própria Milão. Mas a Cristiana tinha as suas preferências, o seu próprio conjunto de gostos, levando-a às chamas carmesins das solas icônicas de Louboutin. Cada um de nós tinha o seu ponto vulnerável, Aquiles tinha o seu calcanhar e o nosso, ao que parece, estava envolto em couro envernizado e alta-costura.

Enquanto me encontrava entalado entre esses dois universos distintos, cada um velado nos seus complexos motivos e subterfúgios, uma realização jubilosa atingiu-me. Se a existência em si fosse uma ópera escrita em *libreto* italiano, ponderava sobre o ato em que atualmente estávamos enredados e, mais crucialmente, quem entregaria o solilóquio culminante—essa ária introspetiva que revelava os anseios e dilemas mais íntimos da alma

O ambiente estava preparado, a noite vindoura grávida de potenciais revelações ou talvez mais enigmas. Assim, com um sentido de dever, ainda que dramático, que sentia tanto como estimulante quanto sóbrio, preparei-me para subir ao palco.

Ao primeiro vislumbre da aurora a pintar os céus sobre o Aeroporto de Malpensa, o meu avião deslizou pelo asfalto italiano. Itália! Terra de artistas e poetas, mas hoje, a terra de uma teia emaranhada onde a Cristiana, uma executiva de topo, segurava a

outra ponta do fio. Fresco das atividades clandestinas da noite anterior em Portugal, apressei-me para o Meliá Milano Hotel—um casulo dourado que me metamorfosearia na versão que precisava ser para a noite.

Entrei na recepção do hotel e fui recebido por uma jovem rececionista cujo entusiasmo em me conhecer parecia excessivo, quase insidioso. Os olhos dela demoravam-se demasiado; o peito dela subia e descia de uma forma que insinuava algo mais do que mero interesse profissional.

“Está sozinho?” Ela perguntou.

Ofereci-lhe um olhar desinteressado, para cortar a tensão não verbalizada e retirei-me para a solidão do meu quarto.

Dentro dos meus aposentos isolados, voltei a minha atenção para a minha armadura para a expedição da noite: uma camisa branca imaculada em harmonia com um casaco de bom gosto e, a *pièce de résistance*, os sapatos Louboutin castanhos. Uma fachada adequada para o Deus Ex Machina, um poiso da moda, não apenas da culinária mas de motores a rugirem e do artesanato de vanguarda, onde produziam motas, bicicletas e pranchas de *surf* como se fossem esculturas romanas nascidas das forjas de Vulcano—o deus romano do fogo, da metalurgia e do artesanato.

Finalmente, estacionado depois do que pareceu uma odisseia em redor do Deus, entreguei o meu carro ao pessoal da segurança. A atmosfera no interior era elétrica, um caldeirão de verve criativa que os italianos eloquentemente chamaram de *templi dell’ entusiasmo*. Entre aquela matriz vibrante de humanidade estava a Cristiana—com uma Aperol Spritz na mão a irradiar uma luminosidade que ofuscava os lustres.

Sem hesitação, os nossos lábios encontraram-se num beijo abrasador, como se cada um de nós estivesse a reivindicar aquele momento. O vestido turquesa que trazia aderiu-lhe como uma segunda pele, revelando mais do que escondia. No entanto, mesmo no meio da nossa ligação fervorosa, uma corrente subjacente de desconfiança marinava o ar—confiança, essa elusiva fada.

Enquanto jantávamos, conversas banais e risos encobriam as nossas inibições, destapando lentamente a sua versão mais audaciosa. A tensão tornava-se espessa, uma nuvem elétrica à

espera de ser libertada. Os nossos copos eram continuamente reabastecidos, *bicchieri di prosecco* para mim, Amarone di Valpolicella para ela—uma libação Veneziana tão complexa quanto a mulher que a consumia.

Mais tarde, o nosso encontro transformou-se numa aventura mais profunda ao recuarmos para o carro dela. Cada sensação táctil parecia intensificada, cada beijo roubado uma afirmação. Num momento mais ousado, ela divulgou as suas fantasias não realizadas, inflamando a minha imaginação com a perspectiva de uma emocionante ligação plural—um trio com outra mulher.

Os primeiros raios da aurora sinalizaram o fim da nossa aventura sexual noturna. Promessas de “próximas vezes” e o seu sorriso encantador acompanharam a sua partida num elegante Maserati Modena cinza-prateado. No entanto, as cordas mais sombrias da vida retomavam a sua melodia. De volta ao mundo do subterfúgio, a Tocsin informou-me dos acontecimentos em Lisboa. Com uma malevolência calculada, iniciámos uma transação enganosa na conta da Cristiana, um arдил para a tornar temporariamente incapacitada dentro do seu bastião bancário, no qual ela era administradora de topo.

Enquanto me afundava num colchão fofinho, o sabor residual do Amarone—um beijo líquido da região de Veneto—ainda pairava nos meus lábios, uma amálgama de emoções convergia dentro de mim. Como um habilidoso jogador de xadrez contemplando os seus próximos movimentos enquanto saboreia um xeque-mate bem ganho, marinava numa mistura complexa de satisfação e curiosidade. Para o Nemesis, o rival invisível cujos motivos eram tão obscuros quanto uma pintura de Caravaggio, as nossas ações devem ter ressoado alto e claro: éramos arquitetos do nosso destino, orquestrando eventos além das suas percepções mais aguçadas.

E assim, enquanto banhado na luz ténue do quarto do hotel, percebi que este encontro com a Cristiana era apenas um prólogo—um mero primeiro ato numa estória para ser contada e que tinha uma série de caminhos cruzados. A questão não era de se, mas de quando os nossos caminhos se cruzariam novamente. Seria sob o nevoeiro romântico de um pôr do sol Veneziano ou entre as ruínas da Roma

antiga, o seu Coliseu um testemunho estoico dos anseios humanos durante milénios?

Enquanto os meus olhos pesavam, senti como se estivesse a flutuar num reino nebuloso entre a realidade e o teatro da minha mente. A peça estava longe de terminar, o próximo ato escondido nos anais enevoados do amanhã. O *suspense* dos caminhos desconhecidos da vida estava diante de mim. Com este último pensamento, o sono reivindicou-me, um esquecimento temporário antes de outro dia de complexidades humanas.

Ao deslizar para o inconsciente, os meus pensamentos divagavam como o antigo Tibre. Se Roma não foi construída num dia, então certamente as teias emaranhadas que tecemos requerem mais do que uma noite para desvendar. E enquanto o sono me envolvia nos seus braços insensíveis, ansiava pelo dia em que o ato dois se desenrolaria, em qualquer cidade, sob quaisquer circunstâncias que fossem. Era um pensamento reconfortante, um sorriso oculto no labirinto escuro de infinitas possibilidades.

À medida que a alvorada desenrolava os seus dedos dourados pelo céu milanês, o meu estômago clamava por sustento, mas eu sabia que o meu apetite por respostas superava em muito as minhas necessidades físicas. Uma mera mão-cheia de sono tinha sido a minha sorte antes que o chamamento do dever me arrancasse de volta ao *puzzle* da intriga. Uma rápida ablução e um bocado ou dois de pão do pequeno-almoço—mais ritual do que refeição—eram tudo de que eu precisava para me preparar para a mais recente comunicação da Tocsin.

À medida que a voz dela reverberava pela linha segura, cada sílaba entregava o seu próprio peso de pavor gélido. A narrativa de Lisboa não era diferente de uma pintura renascentista—enganadoramente calma na superfície, mas com o caos à espreita nos detalhes.

Os dentes do perigo ainda não se tinham totalmente retraído e pareciam cada vez mais afiados. A sumptuosa *suite* da Barbara, no hotel em Lisboa, tinha sido violada e a sua santidade despedaçada. Apesar dos nossos melhores esforços para peneirar os grãos da evidência, o malfeitor tinha dominado a arte da ofuscação. Mesmo

os olhos vigilantes das câmaras de CCTV tinham sido ludibriados; um mecanismo difusor de rosto tornara a sua aparência num borrão.

Além disso, o labirinto de Milão tinha os seus próprios minotauros. A Cristiana, a banqueira com quem eu tinha partilhado horas roubadas, vivia no fio da navalha. A vida dela tinha-se tornado numa série de ameaças alarmantes, cada uma mais perturbadora do que a anterior.

Naquela noite, uma figura sombria tentou invadir o seu apartamento. Se não fosse pela ação rápida do nosso operacional que a vigiava, quem sabe o que poderia ter acontecido? Os intrusos desapareceram, esgueirando-se para a selva urbana como se fossem fantasmas.

Estava inconfundivelmente claro: um adversário críptico—sem dúvida, o Nemesis—perseguia-nos com uma resolução implacável. A segurança dos nossos clientes, aliados e pessoas-chave pendia na balança. Foi uma decisão unânime entre nós: iríamos trazer proteção adicional para salvaguardá-los, tanto a eles como às suas casas.

Quando desliguei a chamada da Tocsin, a minha mente turbilhonava como um canal tempestuoso de uma barragem, inundada por um torrente de suspeitas, perguntas e conjecturas. Porque visar aquelas mulheres? Seria o Nemesis ou alguém ainda mais sinistro? A minha determinação cristalizou-se, similar à convicção de um papa Medici na sua autoridade divina.

Ao embarcar no avião para Barcelona, a minha mente estava focada no trabalho que me esperava. Ser um assassino profissional não é só *glamour*. Para lidar com o *stress* da profissão, muitas vezes encontrava-me à procura de encontros românticos temporários—nunca nada sério, sempre e apenas uma distração fugaz.

Mas aqui estava o problema. A mulher com quem eu tinha cruzado caminhos em Milão tinha incendiado algo dentro de mim—um turbilhão de emoções que eu não conseguia decifrar, como se ela tivesse injetado na minha corrente sanguínea, normalmente estoica, uma mistura desconcertante de necessidade, amor e confusão.

Pela primeira vez, aqueles olhares roubados e doces palavras pareciam lamentavelmente inadequados ou, melhor dizendo,

insuficientes. Eram momentos fugazes, efêmeros como a espuma de um *cappuccino* recém-servido ou os últimos raios de um pôr do sol milanês. Tentadores, belos, mas desaparecidos num instante.

Momentos fugazes eram a moeda da minha profissão; experiências consumíveis para serem gastas e esquecidas. Mas naquele momento, a noção de permanência, de algo—ou alguém—duradouro começou a criar raízes na minha mente. Era como se a minha bússola interna, que durante muito tempo navegou pelos terrenos imprevisíveis da influência corporativa e dos emaranhados românticos, estivesse agora a inclinar-se para um território inexplorado: o amor.

Ri para mim mesmo, ao pensar como Dante Alighieri tinha viajado pelo Inferno, Purgatório e Paraíso apenas para encontrar o amor no final. Lá estava eu, a considerar as virtudes da felicidade doméstica sobre a adrenalina de me desviar de balas metafóricas e roubar corações reais.

Mas talvez, apenas talvez, nesta confusão caótica que chamamos de vida, chegue um ponto em que até pessoas com profissões como a minha precisem encontrar o seu próprio pedaço de Paraíso—um lar na forma de um relacionamento duradouro. Um amor forte o suficiente para fazer até mesmo um operacional experiente entreter a ideia de um tipo diferente de compromisso.

Lá estava eu, sentado e pronto para rever o meu *dossier* da missão, quando ela passou. Eu já a tinha notado antes—uma comissária de bordo—e agora, os nossos olhares encontraram-se novamente. Num ambiente repleto do habitual caos do avião, os nossos olhares encontraram-se como ímanes. Sim, ela definitivamente também estava a reparar em mim. Quem era ela e qual era a sua estória?

O avião aterrou e eu senti-me puxado para ela. A multidão agitada do aeroporto era o biombo perfeito para uma conversa casual, mas o nosso diálogo insinuava algo mais do que apenas cortesia. A sua voz era doce como açúcar e os seus olhos cintilavam com uma espécie de atrevimento provocante. Naquele momento, senti como se estivesse a brincar com fogo, da melhor forma possível.

“Então, o Uber está banido de Barcelona e não faço ideia de onde estão os táxis. Alguma dica?” Perguntei, a aproveitar o momento para obter algum conselho.

“Basta seguires as placas; elas vão guiar-te,” ela respondeu. Os olhos dela pareciam guardar mais do que as palavras, como se codificados com o conselho de um *insider*.

“Para onde vais?” Ela não conseguia esconder a curiosidade.

“Para o SB Hotel,” respondi, com um ar descontraído.

“Ah, perto do Canal Olímpic de Catalunya? Eu moro perto. Precisas de boleia?” Ela ofereceu, sorrindo como o Gato Risonho das aventuras da Alice no país das Maravilhas.

O meu estômago revirava-se com excitação e um toque de perigo. Concordei. Ao caminharmos para o estacionamento, ela vestiu um elegante casaco preto que a fazia parecer ainda mais impressionante. O nome dela era Cris e ela era um mistério de meia-noite que eu estava mais do que disposto a explorar.

“Sou o Leilac. Leilac Leamas,” acrescentei, atirando a cautela ao vento e revelando o meu nome completo.

“Então, Leilac, o que te traz à minha cidade?” Os olhos dela nunca pararam de procurar os meus.

“Tenho um trabalho a fazer,” mantive-me vago.

“E esse trabalho é?” Ela não desistia.

“Sou um assassino,” disse, olhando-a diretamente nos olhos.

A expressão dela não mudou. Até parecia um pouco divertida. “Ah, o SB Hotel—um lugar elegante para algum trabalho de assassino profissional, hein?”

Enquanto conversávamos, um arrepio percorreu a minha espinha. Eu estava à beira de um precipício e o resultado era desconhecido. Uma dança complicada tinha começado e a Cris era a minha parceira imprevisível. Teria eu simplesmente encontrado outro interesse amoroso transitório ou ela era algo muito mais desafiador? Não conseguia deixar de sentir que a minha missão em Barcelona estava prestes a tornar-se muito mais complicada e muito mais interessante.

A porta do elevador bateu com um estrondo e imediatamente fui envolvido pelo seu perfume—uma mistura que sugeria o desconhecido, mas que eu sentia tão confortavelmente quanto uma melodia familiar. Ficámos lá, ombro a ombro, com os meus sentidos

em alerta, como se captassem o aroma de algo extraordinário, mas evasivo.

Entramos no seu Audi A3 vermelho vivo. Era uma cor que normalmente ofenderia o meu bom gosto, mas naquele momento, era a diligência para o que quer que nos esperasse. Enquanto ela conduzia, apontava para vários marcos—meros cenários para o crescente sentido do que estava por vir entre nós.

Ao nos aproximarmos da entrada bloqueada do hotel, ela mostrou o seu conhecimento do local, guiando-nos por um atalho—diretamente pelo estacionamento de um supermercado.

“E que tal uma bebida para terminar a noite?” Perguntei, com a noite ainda jovem e cheia de possibilidades.

“Parece-me bem,” ela sorriu radiante.

Fizemos o nosso caminho até o bar sombrio do hotel. Ela pediu um copo de La Rioja, elogiando o seu vinho com o fervor de uma entusiasta nativa—era um produto da sua terra natal.

“Então, o que fazes quando não estás a deslumbrar estranhas em bares?” Ela perguntou, com os olhos a cintilarem.

“Ah, sou uma espécie de empregado da limpeza, por assim dizer. Elimino gestores menos éticos das empresas. Estou no ramo, direi, da limpeza corporativa,” brinquei, sorrindo. Os detalhes não eram importantes; a crescente tensão entre nós é que era verdadeiramente intrigante.

Ela encheu novamente o seu copo e eu fiz o mesmo. A noite era demasiado promissora para a deixar beber sozinha.

“Estamos a fechar,” anunciou o *barman* depois de olhar para o relógio.

“Que tal mudarmos esta pequena festa lá para cima?” Arrisquei.

“Guia o caminho,” ela piscou o olho.

De volta ao casulo de aço de um elevador, cedemos à tensão palpável. Era como se duas forças magnéticas finalmente se rendessem.

À medida que cruzámos o limiar da minha *suite*, a porta fechou-se atrás de nós com um eco de vontade, amplificando a tensão palpável no ar. Os nossos olhos encontraram-se e, naquele momento intenso, as palavras tornaram-se supérfluas. As roupas não foram apenas tiradas; foram avidamente descartadas, cada peça caía no

chão como uma cortina que desce após um ato tentador. Os nossos movimentos sincronizaram-se numa coreografia não verbalizada, tão deliberada quanto espontânea, alimentada por uma fome insaciável que só nós poderíamos saciar. A Cris, a enigmática estranha cujo toque já tinha incendiado a minha alma, aproximou-se de mim com um movimento sinuoso e calculado, tal como uma fera pronta atacar. Os nossos lábios encontraram-se e fui consumido pela mistura do seu perfume e aroma natural—um *cocktail* estonteante que apenas intensificou o meu desejo. As nossas mãos exploraram as paisagens desconhecidas dos corpos um do outro, cada toque era uma viagem às profundezas dos nossos desejos mais primários. Ao sentir a textura sedosa da sua pele contra a minha, todas as pretensões foram abandonadas; estávamos agora enredados numa dança de prazer, um *ballet* enérgico de luxúria que só se contentaria com nada menos do que a completa imersão no êxtase daquele momento.

O indesejado sol da manhã espreitou pela janela, insinuando a sua saída iminente.

“Pequeno-almoço antes de ires?” Sugeriu.

“Se for rápido,” ela concordou, entrando no *ducha*. Partilhámos um momento lá, envolvidos no calor reconfortante da água.

Um beijo relutante sinalizou a nossa despedida enquanto ela corria para o trabalho. Mais tarde, uma mensagem apareceu no meu telemóvel. Ela estava mais atrasada para o trabalho do que alguma vez estivera, disse ela. Mas pontuou a confissão com: “Valeu completamente a pena” e uma enxurrada de corações digitais.

O meus lábios curvaram-se num sorriso, já ansioso pelo próximo capítulo que nos aguardava, ainda envolto numa deliciosa incerteza—como as cenas finais de um romance inacabado, oscilando à beira da revelação e da revolução. As personagens tinham sido definidas, o cenário habilmente esboçado e as linhas da trama maduras com reviravoltas e voltas, tal como as estradas sinuosas que tínhamos navegado na noite anterior. Ah, mas essa é a coisa cativante sobre os começos; eles contêm dentro deles o germe

de inúmeras possibilidades, cada uma mais promissora e perigosa do que a última.

Ela poderia ser um caso passageiro, o seu aroma persistindo no ar muito tempo após a sua partida, um fantasma de uma aventura que poderia ter sido mas nunca foi completamente? Ou poderia ela ser a peça complexa do *puzzle* que nem eu sabia que estava a faltar, um desafio e um complemento em igual medida?

E quanto a mim—o que era eu para ela? Um desvio, um patife, um potencial co-aventureiro na sua busca sempre em expansão pelas experiências da vida? Diz-se que no xadrez, o resultado pode muitas vezes ser determinado nos primeiros movimentos. No entanto, aquilo não era xadrez; era muito mais elaborado, jogado não num tabuleiro, mas nos teatros instáveis do espírito humano.

As mensagens de texto continuariam, cada caractere digital uma migalha de pão naquele caminho sinuoso que estávamos a trilhar. Planos seriam feitos, calendários consultados e momentos roubados valorizados. Mas, enquanto olhava para aquela corrente de *emojis*—esses símbolos caprichosos a funcionar como hieróglifos modernos para emoções humanas eternas—fui lembrado que as histórias mais cativantes da vida muitas vezes não vêm com um roteiro.

Não, as histórias mais emocionantes desenrolam-se das formas mais inesperadas, dobrando-se e desviando-se como um rio a encontrar o seu caminho pelas margens, moldado pelas forças indomáveis da paixão, do acaso, e, talvez, um toque de destino. Como dizia o poeta, dramaturgo e encenador Bertolt Brecht, “do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz que violentas são as margens que o comprimem.”

Ah, o destino—esse dramaturgo sempre brincalhão, eternamente a rabiscar nas margens das nossas vidas. Deixa-nos em *suspense* perpétuo, sempre a tentarmos adivinhar qual será o próximo traço de caneta. Mas não é essa incerteza onde reside o verdadeiro tempero da vida?

No final, só o tempo desvendaria as complexidades das emoções no amplo espectro da experiência humana. Tudo o que eu sabia era isto: estava mais do que pronto para o próximo ato. E assim, firmemente, escrevi uma resposta e carreguei em enviar como um

dramaturgo a colocar pena no pergaminho, ansiosamente a escrever o próximo ato de uma história ainda por contar.

À medida que me preparava para confrontar o conselho de administração na reunião de acionistas, encontrei-me a acertar os últimos detalhes com os meus colegas no WhatsApp. Estávamos a traçar estratégias sobre como abordar os diretores de um dos maiores bancos ibéricos, mas a minha concentração foi abruptamente interrompida por uma mensagem da minha nova amiga. Era uma imagem das suas exuberantes mamas refletidas num espelho de casa de banho, com uma mensagem desafiadora para que eu retribuísse.

Apesar de estar numa sala cheia de pessoas, desculpei-me e fui à casa de banho para enviar a minha própria imagem. A troca rapidamente tornou-se mais carregada de teor sexual, mas o cansaço acabou por atingir-me. Estava privado de sono e mentalmente exausto devido à intensa pressão da reunião iminente.

Enquanto estava perdido nestes devaneios lascivos, uma repreensão de um colega via WhatsApp fez-me voltar à realidade. Era a minha vez de falar na reunião de acionistas. Subi ao púlpito, onde as luzes brilhantes tornavam difícil ver qualquer coisa além do ecrã gigante com a minha imagem projetada. Lutei para ler o texto em espanhol que tinha escolhido, percebendo tarde demais que estava em catalão, que não conseguia pronunciar corretamente. Então, mudei para o inglês e consegui dizer o que precisava ser dito.

Quando terminei o meu discurso e saí do púlpito, fui abordado por uma face conhecida—um dos advogados seniores que trabalhava para o Nemesis. Fingi estar zangado, tentando esconder as minhas verdadeiras emoções enquanto ele começava a discutir um mal-entendido. À medida que a conversa continuava, tornou-se claro que ele estava a aludir ao acordo que eu tinha feito com Nemesis em Lisboa e a minha raiva inflamou-se.

O advogado sugeriu que o meu cliente revisse e alterasse os acordos relacionados com a empresa de telecomunicações no Brasil, o que essencialmente anularia o nosso acordo em Lisboa. À medida que o advogado se afastava, percebi que o Nemesis tinha mudado de alvo e estava à procura de uma nova maneira de aplicar pressão.

Estava claro que as apostas tinham aumentado e a tensão era palpável.

Após lidar com as minhas tarefas imediatas no hotel, reservei um momento para refletir sobre a viagem turbulenta dos últimos dias. Era hora de avaliar o que tínhamos alcançado e onde os nossos objetivos já não coincidiam com o estudo e trabalho encomendado pelos Monks. Eles eram os representantes de um empresário altamente influente, o nosso cliente, e era imperativo que permanecêssemos firmes na nossa abordagem.

Esse magnata de 68 anos, um homem de vasta fortuna, tinha conquistado o seu lugar entre os mais ricos da Forbes. Ele financiava secretamente inúmeros conflitos, impulsionado por ideais e pela emoção de um desafio mais do que pelo dinheiro. A fonte da sua determinação incansável permanecia um mistério, mas eu nutria uma profunda admiração pela sua dedicação inabalável.

Respeitava imensamente aquele empresário, pois ousava confrontar os adversários mais poderosos no mundo das finanças corporativas.

Portanto, quando o magnata de 68 anos me abordou por intermédio dos Monks com uma missão audaciosa para derrubar o infame Nemesis, eu estava inteiramente dedicado. Com os Monks a canalizarem milhões de euros para o Luxemburgo, eu e a minha equipa estávamos determinados a usar todos os recursos à nossa disposição para frustrar o mega-acordo transatlântico que o Nemesis estava a elaborar. Estávamos determinados a sabotar os seus planos e nada nos afastaria desse objetivo.

A voz da Tocsin surgiu através da linha segura, carregada de uma tensão que me fez arrepiar, “o Nemesis já não está apenas a fazer sombra—ele está a entrar em destaque. Não só está a imitar os nossos movimentos, como também está a superar-nos. Pior, ele está a tentar sabotar o financiamento para o nosso projeto de grafeno.”

Um arrepio percorreu a minha espinha, como se água gelada tivesse substituído o meu sangue, “queres dizer que ele está a mostrar os seus movimentos? Ele é o mestre da manipulação nos bastidores, não do espetáculo aberto e direto.” Os meus olhos estreitaram-se e os pensamentos aceleraram enquanto o meu dedo

instintivamente pairava sobre o *touchpad*, pronto para rever as nossas finanças. “O quão comprometido poderá estar o nosso financiamento do projeto de grafeno? Nunca ponderei que ele descobrisse. Nunca planeei uma proteção.”

A Tocsin soltou uma risada baixa que ressoou através da linha, “não te preocupes, Casanova. Enquanto andavas a encantar-te no coração das mulheres, nós estivemos ocupados a fortificar as paredes do nosso castelo. O nosso investimento em grafeno está mais seguro do que pensas. Transferimos o empréstimo para um *hedge fund* há meses quando a nossa equipa de pesquisa atingiu um gargalo; estávamos a ficar sem tempo e sem fundos. Eles precisavam de um pouco mais de pista para romper para um método mais rentável de produção em massa.” A Tocsin fez uma pausa, deixando as palavras assentar, “e está a compensar. Os investigadores estão prestes a descobrir algo grande e os nossos parceiros do *hedge fund* estão verdadeiramente impressionados. Por agora, estamos numa boa posição.”

“Agradeço,” respondi com gratidão. “Sabia que podia contar com todos vocês. Isso significa que o nosso trabalho neste banco está a chegar ao fim? Já expusemos os negócios corruptos de Angola e da China utilizando a nossa informação privilegiada. As autoridades que tomem medidas, então, o que mais há para tratarmos?”

“A papelada está a caminho do regulador. Ninguém nos pode rastrear até às fugas, pois sempre mantivemos a aparência de acionistas independentes. Quaisquer investigações sobre o denunciante levarão a outros lugares,” assegurou-me a Tocsin.

“A propósito,” continuei, “conheci ontem uma pessoa em Barcelona que pode revelar-se uma aliada valiosa. Ela trabalha como hospedeira de bordo, dando-nos outra via para implantações táticas.”

O interesse da Tocsin foi despertado. “Interessante! Partilha comigo os detalhes dela e eu farei o acompanhamento.”

Fornecei à Tocsin as informações necessárias, permitindo que a nossa equipa planeasse um encontro futuro com este possível ativo. Enquanto o fazia, não pude deixar de ponderar sobre o significado deste encontro. Será que esta mulher poderia ser mais do que apenas

uma associada útil? Haveria uma hipótese para o amor, para uma ligação significativa que fosse além das sombras em que eu operava? As questões pesavam-me na mente, pois o próximo passo poderia levar à minha salvação ou à minha queda.

Questionava-me se este momento tinha o poder de mudar tudo, de libertar-me de uma vida de encontros transitórios e vazios, e de ousar procurar algo mais profundo e significativo. O peso dessas questões era enorme e a decisão que estava prestes a tomar moldaria o curso do meu destino de formas que ainda não conseguia compreender completamente.

§3

Encontro de Intriga: A Conspiração no Kong Paris, França

O restaurante Kong, em Paris, exalava um ar de romance clandestino, como se guardasse os segredos sussurrados apenas para aqueles que se sentavam na sua mesa principal. Estrategicamente posicionado, oferecia uma vista sedutora da Pont Neuf e dos armazéns *art déco* de Henri Sauvage, emoldurados pelas magníficas janelas de vidro curvas que direcionavam o olhar para um *affresco* no teto pintado pelos traços transcendentais de Ara Starck.

“Isto é lindo,” disse a minha amiga, enquanto admirava a vista.

“Sim! Adoro vir aqui,” respondi, com os meus olhos fixados na cena encantadora que se estendia diante de nós.

O Kong, com a sua sofisticação jovial e aura refinada, estava entre os meus restaurantes preferidos em Paris. E nesse dia, foi-me concedido o privilégio de garantir a melhor mesa, pois estava acompanhado por uma velha amiga, uma conceituada atriz francesa.

“Então, o que tens feito?” Perguntou-me a minha amiga, com o seu olhar penetrante como se procurasse verdades ocultas.

“Apenas o de sempre: trabalhar e viajar. E tu?”

Um sorriso radiante iluminou os seus lábios, revelando um vislumbre da paixão que ardia dentro dela. “Tenho sido consumida pela criação da minha mais recente obra-prima,” confessou, com a sua voz a vibrar de entusiasmo. “O trabalho tem sido árduo, mas estou arrebatada pela promessa que ele guarda. O meu novo filme.”

“Mas, no meio de tanto trabalho, continuas lindíssima,” murmurei, com as minhas palavras carregadas de admiração.

Com um gesto gracioso, ela presenteou-me com um doce e suave beijo na bochecha; o seu perfume envolvente, uma mistura subtil de

almíscar com *nuances* florais, arrebatou-me. Aqueles eram os cheiros que sempre associei a Paris, memórias sincronizadas a girarem em *crescendo*, enquanto tentava conter o suspiro perante a visão arrebatadora diante de mim.

“Senti saudades tuas,” confessei, com os meus olhos fixos nos dela à procura de consolo nas profundezas do seu olhar.

“Também senti tuas,” ela respondeu, com um sorriso suave a adornar os lábios, como se insinuasse os desejos silenciosos que pairavam entre nós.

A sua beleza impecável, os seus olhos cativantes e a harmonia de todas as suas características—sobrancelhas perfeitamente esculpidas, um nariz delicado e lábios que convidavam à adoração—atraíam a atenção de todos que a contemplavam. A sua elegância e radiância diferenciava-a das simples mortais; uma mistura régia temperada por uma calorosidade que derretia corações. E ali estava ela, uma visão de sedução cativante, capturando todos os meus pensamentos, enquanto a nossa conversa dançava entre palavras e silêncios significativos.

“Tenho que te dizer: estás mais deslumbrante do que nunca,” sussurrei, esforçando-me para ressuscitar o encanto entre nós.

“Obrigada,” respondeu, com um sorriso subtil a brincar com os lábios; a sua compostura calma insinuava os inúmeros elogios que estava habituada a receber.

Perdido com o seu encantamento, nem percebi a mochila apoiada no encosto da cadeira e nem a seleção precisa dos pratos que ela tinha pedido com o vinho branco: um tentador “*tartare de thon*”; “*avocat hot and spicy*”; um delicioso “*ceviche de bar*” com “*concombre et oeufs de saumon*”; servidos com uma *baguette* rústica numa tábua de madeira.

“Estes pratos parecem incríveis,” comentei, admirando o festim tentador diante de nós.

“Sim, a comida aqui nunca deixa de me surpreender,” murmurou, com a sua atenção presa às delícias que enchiam a nossa mesa.

As minúcias e as suas descrições líricas de cada prato sussurravam timidamente nos recônditos da minha mente, pois o meu olhar estava capturado pela visão cativante da mulher à minha frente, a minha querida amiga.

Também me apanhei a lembrar como ela me tinha provocado com o seu sorriso e me convidado para o seu mundo, a sua vida e o seu prazer. Isso contrastava drasticamente com a friidez rígida que parecia ter-se instalado sobre aquele almoço; tudo parecia mudado. Ela estava diferente, um pouco distante e completamente alienada daqueles dias de maio em Cannes, no meio do tumulto daquela época do ano pontuada pelo brilho primaveril das suas festas hedonistas.

“Não consigo acreditar que faz tanto tempo desde que nos vimos pela última vez,” comentei, procurando reacender a magia que uma vez nos uniu.

“Sim, já faz um tempo,” respondeu, com a sua expressão marcada de solenidade, recusando-se a ceder às minhas tentativas de trazer à tona as envolventes memórias do nosso passado.

Toquei naquela nossa *débauche* de maio, à espera de derreter a sua disposição com as memórias daquele sexo luxurioso e desenfreado no *jacuzzi* do terraço do hotel onde não estávamos sozinhos.

“Agora estou diferente,” comentou, ignorando o meu apelo para ressuscitar o passado; as suas palavras carregavam um toque de mistério.

“Mudaste de perfume?” Perguntei, desviando a conversa para assuntos mais seguros.

“Éclat d’Arpège, da Lanvin. Gostas?”

“Estou a tentar descobrir se gosto,” respondi enigmaticamente, recusando-me a revelar a verdade oculta por trás das minhas palavras ambíguas.

A conversa seguiu o seu curso, como um rio a fluir com um propósito obscurecido e com a natureza clandestina do nosso encontro a ser ocultada por palavras vazias. Embora a sedução estivesse no ar, a paixão apenas roçava a superfície das nossas mentes. Com o último gole de café e o gosto delicado do chá de ervas nos seus lábios, o tempo sussurrou a iminente revelação que nos aguardava no opulento bar do piso de baixo, onde uma escada em espiral verde ou um elevador rápido nos conduzia.

Em momentos como esses, o tempo torcia e virava, instando-nos a aproveitar o dia, remissente das nossas escapadelas selvagens e

despreocupadas a explorarem as profundezas da paixão. Partilhei esse pensamento com ela, mas a sua resposta permaneceu sem palavras, exceto pelo brilho sedutor nos seus olhos, prometendo desejos inexprimíveis.

A minha respiração falhou quando a sua mão, escondida sob o seu vestido, retirou as suas cuecas pretas com um delicado movimento. Ela guiou a minha mão para repousar na sua sedosa coxa e colocou aquele tecido íntimo dentro da minha palma da mão, envolvendo-o com os meus dedos.

Sem dizer uma única palavra, ela levantou-me, chamando-me para segui-la até uma alcova escondida, protegida dos olhares curiosos. Puxando-me para perto, os seus lábios chocaram contra os meus num beijo fervoroso e prolongado. Com a habilidade nascida do desejo, ela soltou o meu cinto e sabotou as minhas calças, acendendo um fogo crescente dentro de mim. A sua mão deslizou para dentro, acariciando-me com mestria e deixando-me sem fôlego.

Com as costas voltadas para mim, ela balançou o quadril, com os braços apoiados na parede. Levantou o vestido apenas o suficiente para que eu a penetrasse sem hesitação. Ela já estava completamente molhada e eu não pude evitar de fode-la selvaticamente, mas com o cuidado de evitar qualquer ruído que chamasse a atenção.

O clímax envolveu-a de forma intensa e avassaladora enquanto tremia de prazer. Ajoelhado diante dela, saborei a sua essência, desejando outra rodada de deleite partilhado. Ela permaneceu aberta e exposta e enquanto a saboreava, o meu próprio desejo crescia, ansiando por mais indulgência.

Um imenso sentimento de alegria preencheu-me. Cada sensação parecia ampliada, cada toque, cada som e cada respiração. Era como se o tempo tivesse parado naquele momento e tudo o que existia era o nosso prazer. Senti a alegria a emanar do seu corpo enquanto tremia e gemia e não pude deixar de sorrir em resposta. Enquanto nos deleitávamos no pós-clímax, eu sabia que aquele era um momento que eu sempre guardaria com carinho.

No entanto, o mundo exigente invadiu a nossa êxtase, interrompendo-a com a vibração do seu telemóvel que repousava numa prateleira embutida na parede. O dever chamava e tínhamos que prosseguir para a reunião. A sua amiga tinha chegado e

esperava-nos no andar de baixo, interrompendo os fervorosos desejos que nos consumiram momentos antes.

Com a sua mochila firmemente nas mãos, descemos as escadas, embarcando num encontro com o destino. A minha encantadora amiga atriz, transbordando de entusiasmo, perguntou, “o que estás a beber?”

“Cosmopolitan,” respondeu a sua amiga, deslizando o copo com um toque delicado. A bebida deslizou pela superfície e encontrou o seu lugar no mundo das libações.

A minha amiga atriz aceitou graciosamente a bebida oferecida. Humedeceu os lábios com um gesto suave e depois colocou o copo de volta à mesa. Enquanto eu estava entre elas, ela apoiou a mão no meu ombro, apresentando-me com um toque de mistério, “este é o amigo sobre o qual eu te falei.”

“Olá!” Sentei-me e chamei um empregado. O Kong não tinha Aperol Spritz, então pedi um “Cougar Puritaine,” um *cocktail* não alcoólico, “e mais dois Cosmopolitans para as senhoras.”

Durante a meia hora seguinte, entre goles partilhados e conversas sussurradas, detalhes subtis desdobraram-se, emaranhados na trama das nossas intenções. Mais uma rodada de Cosmopolitans a alimentar a intriga que percorria nas nossas veias. Finalmente, a amiga da minha amiga, com os olhos a cintilar de curiosidade, resumiu o seu papel, “então, tu queres seduzir-me e depois transformar-me na tua espiã.” Depois, franzindo os lábios pensativamente, declarou, “preciso de um cigarro.”

Eu podia ver os pensamentos incidentais da ligação horizontal já pintados no seu rosto, mas precisávamos, primeiro, de estar focados nos negócios.

“Queremos que sejas os nossos olhos e ouvidos dentro da empresa,” respondi.

A sua voz escorria de curiosidade enquanto questionava, “e o que é que eu ganho com isso?”

Eu inclinei-me para a frente com um toque de conspiração nos meus olhos. “Chegou até mim a informação de que o teu desejo mais profundo é seres nomeada *CHRO* [diretora dos recursos humanos]. Caso o nosso plano se desenrole na perfeição, com a queda de toda

a direção, o sucessor escolhido, sem dúvida, vai nomear-te para essa posição,” revelei.

A minha amiga atriz já lhe tinha apresentado essa proposta tentadora, mas ela exigiu o meu aval pessoal. Ela fixou o seu olhar no meu, com os seus instintos predatórios bem acordados, pesando a oferta que estava à sua frente. Após um momento de contemplação, ela estendeu a mão em concordância, selando o pacto que moldaria o nosso destino associado.

Na majestosa entrada do Kong, sob o olhar atento do imponente prédio da Louis Vuitton, despedimo-nos. Acompanhei a minha amiga até Châtelet—Les Halles, onde a sua viagem de volta a casa a aguardava. A nossa despedida foi agridoce, marcada por um beijo terno, um abraço prolongado e uma promessa de nos reencontrarmos no Algarve dentro de um mês.

O destino, com a sua intricada teia de circunstâncias, conspirou para atrasar a minha chegada ao Museu do Louvre. Uma sombra persistente estava a seguir-me desde as primeiras horas, prenunciando manobras perturbadoras. Embora inicialmente tenha descartado essa perseguição, como insignificante, aquele momento decisivo chamou-me fazendo-me mergulhar nas profundezas da preocupação. As habilidades de espionagem da amiga da minha amiga atriz não eram mais um luxo, mas uma necessidade no nosso complexo e sinuoso plano. Não era a traição que eu procurava, mas a construção de uma grande ilusão, tecendo a paranoia nas mentes dos que estavam no outro lado, orquestrando a sua própria queda.

Com o amanhecer de um novo dia, ou, no mais tardar, no dia seguinte, a amiga da minha amiga atriz encontrar-se-ia enredada num *dossier* de perguntas e dúvidas, tentada pela atrativa hipótese de se tornar uma agente dupla. Como um manipulador de marionetes, eu forneci-lhe os detalhes elaborados e as instruções secretas numa colagem artística de deliberada desinformação e projetada para direcionar os seus próximos movimentos.

Dentro das sagradas paredes do Louvre, uma reunião clandestina aguardava-me, envolta em segredo. O peso da mochila da minha amiga atriz repousava sobre o meu ombro, uma subtil lembrança do papel crucial que desempenhava no meu plano.

Para escapar aos olhares atentos dos meus perseguidores, iniciei a minha farsa antes ensaiada, fingindo uma corrida desesperada para apanhar um comboio que partia. Montei-me numa bicicleta e embarquei numa fuga hipnotizante pela encantadora Rue de La Cossonnerie. Por vibrantes terraços e multidões agitadas, naveguei, passando por restaurantes cativantes que aguçavam os sentidos. Conforme me aproximava da ilustre Pont Neuf, a grandiosidade da Catedral de Notre-Dame embelezava a sublime ilha. Finalmente, ao cruzar a margem do rio, tracei o caminho sinuoso até que a majestosa Pont des Arts se revelasse. Com astúcia calculada, refiz os meus passos, abandonando discretamente a bicicleta aos pés dos degraus da ponte. Rapidamente, penetrei nas profundezas do Louvre, decidido a acreditar que nenhum perseguidor permanecia no meu encaço.

Enquanto a inibriante atração das ruas de Paris me envolvia, um tom melancólico coloria os meus pensamentos. A solidão iminente que me esperava ao final do dia ameaçava demolir a minha determinação, mas eu recusava-me a ceder. A missão exigia dedicação inabalável se queria que o triunfo fosse meu.

Instruir a minha amiga atriz a trazer a mochila para o nosso almoço não foi apenas um gesto de boa vontade. Ela tinha um propósito secreto, desconhecido por ela. No seu interior, estava a chave para a nossa troca clandestina.

Eu tinha orquestrado uma troca sorrateira, contando com o meu contacto dentro do Louvre. Ele tinha uma réplica exata da mochila, uma peça crucial no nosso intrincado *puzzle*. Com uma troca rápida, ficámos mais próximos do nosso objetivo elusivo.

No entanto, enquanto caminhava pelas ruas parisienses da *Belle Époque*, uma intuição roía dentro de mim, alertando-me para a presença da minha sombra mais uma vez. As suspeitas solidificaram-se em certezas, instigando-me a agir com rapidez e precisão.

Dentro do confinamento do meu quarto de hotel, empacotei os meus pertences com uma determinação renovada. Guardados de forma segura nas profundezas da minha mala, estavam os documentos preciosos de que eu precisava. Quanto ao misterioso

rádio portátil, que escondia um item essencial para o meu próximo destino, Varsóvia, a sua estória permanecia oculta, reservada para um capítulo futuro.

Deixei a réplica da mochila nas mãos do *concierge* do hotel e entreguei a última peça do nosso *puzzle* no seu destino. A atriz, a minha leal amiga, em breve iria receber a mochila cheia com as roupas do ginásio, sem suspeitar da troca secreta que tinha ocorrido. Mas o que verdadeiramente importava era a conclusão da minha missão, mesmo no meio das reviravoltas que assolavam o nosso caminho.

Com um novo senso de propósito e o peso da vitória sobre os meus ombros, despedi-me da Cidade das Luzes. Os segredos que eu carregava em breve encontrariam o seu propósito na trama maior dos eventos ainda por se desdobrar. Varsóvia aguardava, com os seus edifícios a pulsarem com os sussurros da intriga e das reuniões clandestinas.

Enquanto o avião me transportava para longe de Paris, os meus pensamentos voltaram-se para a minha amiga atriz, a mulher que se tinha envolvido nesta trama complicada de mentiras. Eu esperava que ela navegasse pelas águas traiçoeiras do seu novo papel com firmeza e resiliência, pois as sombras que dançavam ao seu redor apenas se tornariam mais sombrias.

Dentro de um mês, o Algarve chamar-nos-ia com as suas praias beijadas pelo sol e enseadas escondidas—pelo menos, esse era o plano e o desejo. Uma promessa de alívio do mundo da espionagem em que habitávamos, uma oportunidade para desfrutar de momentos de tranquilidade roubados no meio do perigo cada vez mais próximo.

Mas, por enquanto, o meu foco permanecia inabalável, fixado no caminho à frente. Os segredos do Louvre e as consequências das nossas ações pairavam grandiosos; uma teia de mistério esperava para ser desvendada.

Pois neste reino de intriga e subterfúgio, onde as alianças eram forjadas e quebradas como porcelana frágil, as apostas eram altas e as consequências, terríveis. E assim, com a mente afiada pela expectativa e aprimorada pelos desafios que enfrentei em Paris,

PUZZLE DO DIABO: AMOR, SEXO & ESPIONAGEM

embarquei no próximo capítulo desta cativante estória, ansioso por desvendar a verdade oculta entre as sombras.

§4

Véus de Noiva e Balanças Judiciais

Varsóvia, Polónia

No momento em que os meus pés tocaram o asfalto quente do Aeroporto Frédéric Chopin, tive plena consciência de uma ausência gritante: o meu fiel séquito de artistas da estratégia e magos de dados. Eles eram o óleo das minhas engrenagens e, sem eles, o ar parecia mais denso. Mas a distração era um luxo que eu não podia pagar; eu tinha uma missão para cumprir. Sob o disfarce de ser um acompanhante num casamento, eu estava ali para desempenhar um papel numa estória muito maior. Varsóvia!

Enquanto o sol salpicava o ouro pelos antigos edifícios lembrei-me do Nemesis e de Lisboa. Ele tinha cumprido a sua parte do acordo, no entanto, o equilíbrio entre nós assemelhava-se a um castelo de cartas—um movimento errado e tudo desabararia.

Sempre vigilante, os meus olhos saltavam à procura de sinais de jogadores inesperados neste tabuleiro de segredos. O meu pessoal tinha-me garantido que eu não seria alvo de uma emboscada, no entanto, havia um *Joker*—o Napoléon. Um corso que fez o seu nome no submundo da Unione Corse; esse era o homem encarregado de ser o meu guia local naquela cidade vibrante.

Lá estava ele, estacionado ao lado de um UAZ Patriot, essa besta de aço utilitária preferida por aqueles que tiveram um caso amoroso com o perigo. Era a primeira vez que via aquele todo-o-terreno russo ao vivo.

“É o Napoléon?” Arrisquei.

Com um aceno, ele gesticulou para a porta aberta do veículo, “Senhor Leamas, entre. Tenho as informações que queria.”

Dentro do carro, a curiosidade venceu-me, “então, Napoléon— de onde vem o nome? Herança francesa ou italiana?”

“Francesa, obviamente. Como o próprio homem,” ele respondeu, com a voz num tom imediatamente irritado.

Ah, a piada! Como poderia resistir? “Sempre pensei que as credenciais francesas do Napoléon Bonaparte fosse motivo de debate. A Córsega era uma ilha da República de Génova, que agora é Itália, e foi no final do século XVIII que Génova a doou à França,” eu aponte.

“Talvez. Mas o Napoléon era francês, um corso,” ele insistiu, ainda sem notar a minha beligerância.

“Sim, mas o Napoléon nasceu em 1769. A Córsega ainda era um território genovês até ser anexada pela França um pouco mais tarde. Verdadeiramente, os seus pais eram italianos,” eu persisti.

A expressão dele endureceu, num guizado de irritação e incredulidade a ferver. Claramente, ele não era fã de trivialidades históricas. Hora de mudar de assunto.

Com o floreio de um mágico, tirei uma pequena caixa magnética preta da minha mala de viagem. Camuflada como um presente de casamento, ela tinha escapado dos olhos curiosos dos seguranças do aeroporto. Ah, se o resto daquela missão fosse assim tão fácil!

Um sorriso matreiro formou-se nos meus lábios, “pronto para saltar para a toca do coelho?”

Os olhos dele encontraram os meus, cheios de suspeita e, ousado dizer, com um brilho de excitação. Juntos, aceleramos pelas ruas de Varsóvia, cada curva e reviravolta repleta de incertezas e verdades ocultas. Era como navegar através de uma tempestade sem bússola; o resultado era uma incógnita.

Enquanto o carro manobrava pela cidade movimentada, o aroma persistente da comida de rua e a arquitetura antiga enchiam o ar, eu sentia-me vivo de uma forma que apenas a iminência do perigo poderia evocar. Estava fascinado pelos caminhos ilimitados que se desenrolavam à minha frente, cada escolha carregada com os seus próprios perigos e promessas únicas. O fascínio do desconhecido— era, como sempre, irresistível.

“Escute, Napoléon, estes *imans* potentes,” indiquei os discos gémeos no fundo da caixa, “permitem que ela adira a qualquer

superfície metálica que não seja de alumínio. Com isto, podemos seguir a nossa presa para onde quer que ela fuja.”

“Sei como funciona,” o Napoléon respondeu secamente.

“Tenha apenas em mente que a bateria só dura cinco a seis dias após a ativação,” informei-o, querendo ter a certeza absoluta que ele entendia que a bateria era limitada.

“Se executarmos isto na perfeição, o casamento será o nosso ato final,” ele retrucou com firmeza.

“Entendido,” respondi. Em seguida, num tom firme, garantido que cada palavra fosse nítida, disse-lhe, “este cartão SIM, Napoléon, é impossível de rastrear. Mas preciso de outra camada de anonimato—um telemóvel extra sem registo de IMEI, mas que aceite qualquer cartão SIM.”

Não achei que fosse necessário explicar-lhe que os nossos cartões SIM tinham sido configurados para rejeitar *pings* ou pontes simuladas. Estas são técnicas frequentemente utilizadas por agências de espionagem nos aeroportos. Elas criam uma ligação falsa, levando uma pessoa recém-chegada a pensar que o seu telemóvel está ligado à torre de comunicações mais próxima, enquanto rastreiam os seus movimentos. Uma ponte simulada é uma ligação virtual entre telemóveis ou entre um telemóvel e um elemento de rede como uma estação base, criada apenas com *software*. Ela pode interceptar e monitorizar as comunicações. Um *ping* simulado mede o tempo de ida e volta entre os dispositivos e pode ser usado para rastrear os movimentos de alguém identificando as antenas às quais se liga.

O Napoléon não respondeu imediatamente. Os nós dos seus dedos embraqueceram à medida que as suas mãos apertavam o volante, antes de fazer um esforço consciente para relaxar. Era como se ele estivesse a lutar com algo dentro dele, uma tempestade de pensamentos a batalhar pela proeminência.

“Abra o porta luvas, por favor,” ele finalmente disse, com a voz carregada com uma tensão que ele não conseguiu esconder. “Aí dentro está uma Beretta 418, idêntica à que o James Bond usa.”

Ele fez uma pausa e olhou para mim, como se medisse o peso das suas próximas palavras. “Depois, ajudo-o a arranjar um telemóvel.

De momento não tenho nenhum preparado como pretende; eu não estava avisado que seria necessário.”

“Passo a pistola,” eu recusei.

A voz do Napoléon tinha um tom de ameaça, “vai-se arrepender. O juiz pode vir armado.”

“Não somos *desperados*, Napoléon. As palavras serão as nossas armas,” retorqui.

“Está a brincar com o fogo. Tenho uma pistola de pólvora seca que pode usar, sem necessidade de licença,” ele insistiu.

“Tem uma pistola de *cowboy*? Uma relíquia do Velho Oeste? Perfeita para um duelo ao meio-dia, presumo!” Brinquei, com um toque de divertimento na minha voz. “Sei que desde 2001, foi aprovado um regulamento que permite essas pistolas de *cowboy*.”

“Tenho uma Uberti Hege de calibre 36, feita em Itália. É pesada, mas posso arranjar-lhe uma mais pequena. Nos restaurantes não tem problema, mas nos transportes públicos é proibido andar com uma,” ele respondeu, sem perder o ritmo.

Não pude deixar de abanar a cabeça diante daquele absurdo. Um riso escapou-me dos lábios. “E também tem as botas e o chapéu de *cowboy* para completar o visual?” Parei por um momento e acrescentei, “agradeço a sua preocupação, meu amigo, mas não preciso de uma pistola.”

Com um último olhar para ele, apanhei os misteriosos documentos ao meu lado e perguntei, “este é o ficheiro do juiz?”

O Napoléon foi rápido a responder, mas a sua resposta desviou-se do esperado, “não, é a sua reserva no hotel Polonia Palace e informações sobre os seus carros alugados.”

“Muito bem. Mas é um bom local, certo? Quão longe do Supremo Tribunal?” Foquei-me nos detalhes.

“É um hotel de quatro estrelas, mesmo em frente ao Palácio da Cultura e Ciência. Um sobrevivente da guerra, é o único hotel em Varsóvia onde o General Eisenhower descansou,” o Napoléon disse, a despejar conhecimento como um profissional.

A minha mente regressou ao ponto original, “a aula de história é interessante, mas e as informações sobre o juiz?”

“Está tudo aqui, amigo,” ele tocou na sua testa, todo convencido. “Ninguém vai arrombar este cofre, por mais que tentem.”

“Confio em si quanto a isso,” respondi, pensando na pessoa com quem estávamos a lidar. “Então, quem é esse juiz? Aquele em quem devemos estar de olho?”

“Ah, então, a presidente do Supremo Tribunal é uma senhora, Małgorzata. Mas ela não é a toda poderosa,” o Napoléon disse, baixando a voz para dar ênfase na trama.

“É isso que eu quero saber. Quem tem o poder real? O Tribunal Europeu já emitiu a sua interpretação, mas há margem para manobra. Temos que garantir que o Tribunal anule apenas as partes ambíguas dos contratos, não os contratos inteiros,” disse, com a minha mente a discorrer com as possibilidades.

O Napoléon deu-me um aviso, “olhe, não subestime este juiz, ok? Aqui, quem manda são os políticos.”

“É isso que temos de evitar, homem, mesmo que o Ministro da Economia pareça estar do nosso lado. Não podemos deixar nada ao acaso. Tem alguma informação comprometedor sobre este juiz?” Insisti, com os meus pensamentos a correrem a mil à hora.

O Napoléon pensou antes de falar, “sabe que a Polónia é super Católica, certo? Tipo, muito mais depois do Papa João Paulo II. A Opus Dei é grande aqui. Enorme, na verdade.”

“Então o nosso juiz faz parte da Opus Dei? Isso é um problema? Ou não?” A minha mente estava a trabalhar a todo o vapor, procurando juntar as peças do *puzzle*.

O Napoléon não poupou palavras, “a sede da Opus Dei fica a uma curta distância a pé do hotel. E é em frente ao Supremo Tribunal, a 15 minutos de carro. Os Membros do partido Lei e Justiça por vezes frequentam o local. E sim, o nosso juiz já foi visto lá também.”

As apostas tinham acabado de aumentar. Era como se estivéssemos a peneirar através de uma complexa teia de motivos e alianças, o resultado final pendia na balança. Variáveis imprevisíveis, como uma tempestade de verão que surge sem aviso, poderiam influenciar o nosso destino.

Cada revelação tornava a trama mais densa, como se adicionasse especiarias a um já complexo guisado.

Quem segurava as rédeas desta operação sombria? A cada momento que passava, outra máscara era levantada, revelando mais

uma camada de fingimento. A dança continuava e eu via-me cada vez mais envolvido nas suas garras.

Quando o carro parou abruptamente, o Napoléon apontou para o Polonia Palace, que brilhava como nenhum outro. No entanto, o seu esquema de uma emboscada deixou-me a ferver irado. “Uma emboscada? Perdeu o juízo? De quem foi essa ideia absurda? Não podemos andar por aí a armar armadilhas para um juiz do Supremo Tribunal!” Exclamei, com a minha voz embargada de incredulidade.

“Foi ideia minha,” disparou o Napoléon, desafiante. “É por isso que eu disse para levar a Beretta. Fiquei a saber do casamento, percebe. E por aqui, os camionistas frequentemente bloqueiam a saída para os recém-casados até que entreguem garrafas de vodka. Pensei, porque não transformar a tradição a nosso favor?”

Mas o seu argumento caiu em ouvidos moucos. “Napoléon, este plano está cheio de buracos. O casamento é perto do aeroporto de Modlin—as rotas de fuga são limitadas. Se as coisas correrem mal, sair de lá discretamente será um desafio. Colocar o juiz numa posição potencialmente comprometedora... é arriscado. Este plano é um desastre à espera de acontecer!” Retruquei.

“Fiz o que pude com o que tinha,” respondeu o Napoléon de forma sucinta e com a sua postura a tornar-se gélida.

Contendo a minha irritação, interroguei-o mais, “qual é a nossa verdadeira vantagem aqui? Onde estão as provas?”

A sua voz pesava muito com uma gravidade silenciosa, “o nosso homem é tanto um católico devoto como *gay*. Na Polónia, qualquer uma destas etiquetas tem as suas dificuldades. Acrescente algumas influências russas a incitar a intolerância e tem um barril de pólvora. Se o segredo deste juiz viesse a público, poderia destruí-lo, não apenas a ele, mas também à sua família.”

“Agora está a falar com sentido,” reconheci, vendo finalmente o quadro que ele estava a pintar.

“Amanhã, às 10 da manhã em ponto, precisa de estar sob a estação central, ao lado do Hard Rock Cafe. Há uma loja a vender cigarros eletrónicos. Uma mulher não identificada vai entregar-lhe um envelope com uma *pen*, algumas fotos e o telemóvel descartável que pediu,” revelou ele, com a sua voz bem resolvida.

“E como vou saber quem ela é?” Questionei.

“Não precisará de saber. Ela encontra-o. A caixa magnética já estará plantada no carro do juiz quando receber o envelope,” disse ele, com os seus olhos a cintilarem como se escondessem cofres ocultos de segredos.

Enquanto o Napoléon se fundia na obscuridade do dia, os meus pés levaram-me em direção às luzes acolhedoras do Polonia Palace Hotel. O meu estômago roncou, lembrando-me do seu estado negligenciado. Então, impulsionado por essa necessidade mais primitiva, aventurei-me, procurando algo para saciar o meu apetite. No entanto, a minha mente fervilhava com pensamentos sobre o plano complicado colocado diante de mim. O amanhã prometia revelar se esta intriga seria a minha queda ou o golpe de mestre que solidificaria a minha posição neste assunto complicado.

Ao escapar ao isolamento do meu quarto de hotel, encontrei-me imerso na atmosfera elétrica de Varsóvia. A cidade parecia vibrar com vida e o seu ritmo puxava-me para dentro. Rapidamente, encontrei-me diante de um Starbucks. O seu brilho acolhedor e o cheiro de café eram tão convidativos que era impossível de resistir. O café estava convenientemente situado no canto de um edifício antigo, encaixado entre duas vias importantes e não muito longe de onde eu estava hospedado.

Enquanto esperava pelo meu pedido, senti a vibração familiar do meu telemóvel no bolso. Era uma mensagem de um velha amiga que em breve se juntaria a mim em Varsóvia. A perspectiva de encontrá-la encheu-me com um sentimento de alegria e por isso respondi rapidamente: “mal posso esperar para te ver!” Quase que instantaneamente, os meus pensamentos desviaram-se para o Ruben, um amigo que trabalhava na sala de negociações de um banco próximo. Enviei-lhe a mensagem seguinte: “que tal jantar no Hard Rock Café? Vou levar alguns amigos.” A sua resposta positiva chegou num instante. Jantar às 9 da noite, ele confirmou, combinados para nos encontrarmos no átrio do meu hotel.

Com o calendário social organizado, peguei no meu café fumegante e encontrei um canto sossegado para me sentar. Olhei à volta e deixei o aroma encher os meus sentidos. Por um breve momento, tudo parecia certo com o mundo. No entanto, no fundo da minha mente, as perguntas pairavam como o nevoeiro sobre um

rio. Que surpresas escondidas o amanhã reservava? Será que os meus negócios se desvendariam ou conseguiria navegar através desta complicada teia de política, poder e compromissos morais? Por agora, tudo o que podia fazer era esperar. O tempo, o árbitro final, em breve revelaria tudo. Mas até lá, eu aproveitaria a beleza desta cidade fascinante, um lugar mergulhado em história e a fervilhar com a vida moderna. Foi um breve repouso, talvez, mas necessário, permitindo-me um momento para reunir os meus pensamentos e preparar-me para o que estivesse por vir.

Ao entrar no enorme *hall* do Polonia Palace, ela destacava-se como uma joia solitária num mar de pedras mundanas—um testemunho vivo da graciosidade no seu traje mais simples. Estava sentada num sofá de canto, cuja superfície de couro azul transformava-se num trono sob ela. Vestia uns *jeans* básicos, uma *t-shirt* branca lisa e um casaco cor de camelo do deserto que a envolvia como se fosse a realeza.

Avançar na sua direção era como progredir através de capítulos de uma epopeia ao vivo e uma narrativa de elegância poética. Nos pés, ela usava umas sapatilhas brancas da Gucci, com as suas icónicas abelhas douradas e as tradicionais riscas vermelhas e verdes que ecoavam o seu estilo distinto. O nosso cumprimento foi um beijo alimentado por uma paixão efervescente, seguido por um esfregar brincalhão de narizes, como se os nossos próprios seres tivessem um puxão magnético.

“Tenho sentido a tua falta loucamente,” a voz dela tremia ligeiramente e os seus olhos eram como incêndios florestais—ardentes, apaixonados e impossíveis de conter.

“Estás incrível, como sempre. Como foi o voo?” Eu estava genuinamente interessado em saber se ela estava bem, embora fosse também uma forma de convidá-la para o momento presente comigo.

“Duas horas no céu, mas estou a precisar de um banho. Preciso me refrescar para ti. Voltei a esta terra por um casamento de alguém,” ela disse, com um brilho malicioso a piscar nos seus olhos.

“Ah, um casamento, pois! Bem, prepara-te para a montanha russa. Vamo-nos divertir muito. Prometo-te isso,” respondi, a sorrir como um homem que sabia um segredo.

Aquela frase era mais do que apenas um comentário leve; era o meu *motto* orientador, um princípio tanto nas minhas relações profissionais quanto íntimas. A confiança servia como a pedra angular sobre a qual eu construía tudo—o empreendimento da minha vida, por assim dizer. Injetava uma mistura de risco e emoção em cada empreitada, transformando tarefas mundanas em empreendimentos entusiásticos—uma série de desafios que ou nos fortaleciam ou nos quebravam.

Os nossos esforços eram meticulosamente organizados, permitindo espaço até para os elementos não planeados parecerem como se fossem parte do grande plano. A força física nunca foi o nosso estilo, mas o potencial para o perigo repentino era um dado adquirido—como a constante possibilidade de enfrentarmos o cano de uma arma. Mesmo isso, no entanto, seria visto como apenas outro nível no jogo da vida, um cenário emocionante que estávamos destinados a sobreviver e superar.

A minha equipa encontrava sempre uma extasiante mistura de emoção e paz nas nossas perigosas operações, como se cada momento de risco fosse seguido por um momento de satisfação sublime. Era a psicologia no seu melhor, feita sob medida para fazer as pessoas não apenas suportarem, mas prosperarem em circunstâncias extremas.

Mas naquele momento, perto dela, cada estratagema e plano astuto pareciam desaparecer no vazio. Ela era o núcleo do meu mundo e estar perto dela fazia com que tudo o mais parecesse insignificante.

“As tuas malas já estão todas lá em cima?” Ela perguntou-me, com um tom que sugeria um convite silencioso para algo mais.

“Sim, tudo tratado. Vamos subir,” respondi, ansioso por ficar o máximo de tempo possível perto dela.

Ao sairmos do *lobby*, com a sua luz quente a lançar um brilho dourado que enquadrava o rosto dela numa auréola, entrámos no elevador rumo ao recatado quarto. As portas fecharam-se atrás de nós, isolando-nos do mundo abaixo. Foi naquele momento, suspenso entre andares, que um pensamento me invadiu: numa vida cheia de riscos calculados e apostas insondáveis, poderia este amor cru e não filtrado ser a maior aventura de todas?

Num quarto espaçoso o suficiente para acolher um conselho de senhores feudais, decorado com luxuosos detalhes associados à aristocracia, vi-me preso num feitiço tão envolvente quanto uma balada de um bardo. Uma janela revelou a imponente joia de Varsóvia—o Palácio da Cultura e da Ciência, um colosso arquitetônico. Lá estava a Boguslawa, a abrir as finas cortinas como uma alquimista que transforma os elementos básicos em ouro. Cada movimento do pano parecia reescrever a cena diante de nós e o horizonte da cidade tornou-se numa estória ainda por terminar.

“Duzentos e trinta e sete,” ela murmurou, com os olhos fixados naquela estrutura impressionante. “Aposto que não sabias que é o quinto arranha-céus mais alto da União Europeia.”

Não pude resistir à sua cultura; ela puxou-me tão certamente quanto a gravidade atrai uma maçã caída para a Terra. Ao ficar ao seu lado, os meus pensamentos voaram: “esta mulher é uma fonte inesgotável de sabedoria, cada gota ainda por ser descoberta.” Tal era a profunda admiração que ela inspirava em mim.

Mas como o vento a mudar de direção, o humor da Boguslawa alterou-se num instante. O seu rosto, antes radiante, contraía-se em conflito interno. “Olha, eu nem sequer me sinto mais polaca. Este lugar e a sua mentalidade introvertida—simplesmente não é para mim. Sair daqui foi a melhor decisão que já tomei.”

Procurei confortá-la, como se tentasse capturar a essência de um aroma fugaz. As minhas mãos começaram a descer a sua cintura, ansiosas para explorar territórios marcados pela cartografia do amor. No entanto, ela parou-me, “espera. Preciso de um *douche*. Sinto-me meia nojenta.”

Ela partiu para a casa de banho, como uma Eurídice mordida por uma cobra a recuar para o seu submundo, deixando-me preso entre a espada e um lugar emocionalmente complexo. Um dilúvio de emoções inundou-me, não muito diferente da sensação que se sente quando um gancho numa estória nos deixa suspensos e desesperados por uma resolução.

Enquanto o som do chuveiro envolvia o quarto como um *crescendo* numa ópera apaixonada, eu despia-me, deixando para trás as roupas que pareciam restrições desnecessárias. Nu, aventurei-me

na atmosfera húmida e com uma neblina escaldante que faria até mesmo um balneário romano parecer modesto. Era uma terra onde a água se transformava em ar, onde as fronteiras se confundiam, e eu era o seu invasor silencioso.

A Boguslawa estava lá, completamente alheia—ou assim eu pensava. A sua forma, agraciada pela água em cascata, transformou-se numa escultura viva. Maravilhei-me a ver como a água traçava os contornos das suas costas, com cada gota a ser um pequeno peregrino a navegar no terreno da sua pele. E então, num reconhecimento não dito: ela moveu os ombros de uma maneira quase serpentina e estendeu o gel de banho na minha direção sem virar a cabeça, um comando silencioso de uma rainha para o seu súbdito.

Com um sentido de dever religioso, tomei o elixir oferecido. Comecei pela nuca e iniciei o rito sagrado do sabão e toque como se eu fosse um artista e ela a minha grande obra.

Ao continuar o seu banho, o seu silêncio serviu como permissão para que as minhas mãos mapeassem os seus contornos, as suas arestas e os seus vales ondulantes.

Os meus dedos circularam os seus seios, cada toque elevando a sua sensibilidade a novos patamares e cada passagem suave a provocar uma resposta mais firme.

“Sempre me perguntei como seria ser pintada por um artista,” refletiu a Boguslawa, com a sua voz num sussurro suave sobre o som do chuveiro.

“Bem, então considera isto a minha obra-prima,” eu brinquei, com a ponta dos meus dedos a contornarem os seus mamilos cada vez mais sensíveis, destacando cada toque com a promessa de amor e complexidades ainda insondáveis.

Ela parou, transformando-se numa estátua de vulnerabilidade e poder latente. Interpretando a sua imobilidade como um acordo tácito, aproximei-me, a pressão do meu pau erecto contra as suas nádegas era inconfundível. Senti um arrepio a percorrer o seu corpo à medida que as minhas mãos estreitavam o seu foco nos seus mamilos, com os meus dedos a moverem-se em círculos cada vez mais apertados. De repente, uma vocalização de prazer escapou dos

seus lábios, o seu corpo ficou tenso e depois relaxado num ritmo de desejo e satisfação.

Após alguns minutos, numa cadência em que os corpos, encostados, agarrados um ao outro, dançavam sob a água que caía furiosamente do chuveiro e depois desaparecia pelo ralo, ela agarrou na minha haste rígida e perguntou, “não vais entrar dentro de mim?”

A sorrir silenciosamente, inclinei-me contra as suas costas, peguei em ambas as suas mãos e coloquei-as na parede do chuveiro, fazendo-a curvar-se ligeiramente enquanto eu acariciava o meu pau, com força, entre as suas pernas e subia pelo seu traseiro redondo e firme. Passei as minhas mãos para suas nádegas, separando-as em movimentos de massagem com cada palma. Os meus polegares circularam suavemente ao redor da sua entrada traseira, mas isso foi apenas uma finta enquanto torcia as palmas das mãos até ser capaz de seguir com os meus dedos a água quente a fluir—então coloquei um dentro da sua rata. Ela engasgou-se quando encontrei o seu clitóris, então outro dedo juntou-se ao primeiro para lustrar lentamente o seu canal molhado. Em segundos, outro arpejo percorreu-a e senti os seus sucos quentes à volta dos meus dedos.

A gemer, a sua mão direita estendeu-se para trás e agarrou a minha vara inchada, puxando-me para mais perto. Deixei-a guiarme, tirei os meus dedos da sua vagina e a minha pila dura substituíu-os.

“Fode-me. Fode-me agora!” A voz da Boguslawka, imbuída de urgência e desejo, ecoou dentro da casa de banho, ricocheteando nos azulejos e imprimindo-se na minha medula.

Não precisei de mais incentivos. Eu era como um cão extasiado por uma cadela no cio, bombeando de forma selvagem e profunda. Ambos produzíamos sons que se assemelhavam ao suave *slop-slop*, em harmonia com a água do chuveiro que continuava a cair sobre nós. Ela tremia quase constantemente. Senti o seu aperto a intensificar-se ao meu redor, até que ela parou por um momento, enquanto ondas de calor orgásmico se espalhavam a partir do seu núcleo. Diminuí o ritmo à medida que ela relaxava, com os meus braços a oferecer-lhe apoio extra até que ela recuperasse.

O som inflexível da água a bater ao nosso redor parecia inconsequente, um mero pano de fundo para a paixão que se desenrolava entre dois corpos perdidos e encontrados um no outro.

Sentindo-se firme novamente, ela desvencilhouno-se e virou-se. Quando ela entrou no meu abraço, dei um passo para o lado e apoiei-me na parede do chuveiro. Levantei-a enquanto ela erguia uma perna e se posicionava em cima de mim. Com as pernas a envolverem-nos intimamente, ela pressionou os pés nos bordos da banheira para obter alavanca e começou a mover a pélvis e eu correspondi, acariciando-a com as minhas mãos e puxando as suas nádegas contra mim. O chuveiro continuou a borrifar água nos nossos rostos e entre os nossos peitos, a água escorregava ao longo de cada curva, acrescentando mais sensações à nossa paixão já intensa.

A frequência da sua respiração acelerou enquanto ela repetia, uma e outra vez, “não pares. Não pares agora. Estou quase a vir-me. Não pares. Não pares... ahhhh! Estou a vir-me... estou a vir-me!”

Eu não consegui pensar em palavras melhores do que essas de uma mulher enquanto estamos a foder. Esse conjunto de palavras desencadeou todos os hormónios lascivos dentro de mim.

Eu ainda estava duro quando ela tirou o meu pénis, a recuperar-se do seu orgasmo sob a água que salpicava do chuveiro. Guiei a sua mão esquerda para envolver o meu falo latejante, permitindo que ela sentisse a sua rigidez e o quanto estava pronto para explodir. Ela sorriu timidamente, depois cruzou as pernas enquanto se sentava e colocou o meu pau bem em frente da sua cara. Os seus dedos tocaram a minha vara enquanto ela os movia para acariciar minhas bolas, ao mesmo tempo que os seus lábios se abriram para envolver a minha ereção. Eu só consegui aguentar alguns instantes enquanto a sua língua girava à volta da minha pila e a sua sucção contínua levava-me ao limite. Explodi na sua boca e continuei a jorrar nos seus seios ávidos enquanto ela continuava a ordenhar-me...

No meu peito, fervilhava um caldeirão complexo de emoções—uma mistura curiosa de orgulho e pressentimento, cada um a disputar a supremacia—à medida que os pensamentos sobre a Boguslawka comandavam os recônditos mais profundos da minha